



XXXI Congresso de
Iniciação Científica
Unicamp 2023



Corpos que lutam, produzem coletivamente e se conectam à terra: uma pesquisa de criação artística no eixo *Estruturação da Personagem* do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete

Palavras chave: Corpo-terra; MST; Criação em Dança.

Autores:

Juá Bel Horevicz Dambros (nome civil Maria Isabel), IA - Unicamp

Coautora: Beatriz Martins Domingues, IA - Unicamp

Professora orientadora: Larissa Sato Turtelli.

Introdução

Este estudo é um processo artístico realizado em parceria entre dois artistas do curso de Dança da Unicamp. Inicialmente o estudo foi bibliográfico e posteriormente foram realizadas pesquisas de campo realizadas de acordo com parâmetros éticos e aprovadas pelo comitê de ética em pesquisa (CEP). O caminho metodológico é o Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI), método de criação e pesquisa em dança desenvolvido pela professora titular Graziela Rodrigues.

Propomos uma criação artística a partir do encontro dos dois artistas com as pessoas, as paisagens e os contextos de assentados do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), esse contato envolveu também uma percepção acurada dos corpos, dos movimentos e de aspectos da vida cotidiana dessas pessoas. Essa pesquisa de campo aconteceu no assentamento Milton Santos do município de Americana - São Paulo, em 2023.

Para desenvolver a criação artística e estabelecer relações entre os processos artísticos dos pesquisadores, experienciamos o campo como meio de mobilizar sensível e sócio politicamente os corpos. Durante a pesquisa criativa foram realizados laboratórios práticos e dirigidos pela professora orientadora deste projeto, sendo registrados em um diário a fim de melhor compreender as imagens, sentidos e paisagens mobilizados no corpo sensível por meio da pesquisa. Os dados coletados em campo e nos laboratórios são descritos de forma qualitativa, assim como as reflexões e considerações do trabalho.

Objetivos

- Desenvolver uma pesquisa de criação artística em dupla no terceiro eixo do método BPI, denominado “Estruturação da Personagem”, a partir de pesquisas de campo no assentamento Milton Santos;

- Pesquisar o contexto social, político e histórico do Assentamento Milton Santos, e do Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra (MST);
- Conhecer as atividades coletivas cotidianas realizadas no assentamento, observando os corpos dos trabalhadores, sua lida com a terra, motivações e sentidos emocionais envolvidos no trabalho, ideologias e crenças;
- Aprimorar a “Técnica dos Sentidos” do método BPI, investigando as reverberações do campo no corpo dos pesquisadores;
- Desenvolver uma modelagem corporal e suas relações com a modelagem do pesquisador parceiro;
- Apresentar dados e resultados à comunidade acadêmica e também aos assentados pesquisados.

Metodologia

O método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI), se estrutura em três eixos interligados: “o *Inventário no Corpo*”, o “*Co-habitar com a Fonte*” e a “*Estruturação da Personagem*”¹.

O *Inventário no Corpo*, o qual foi trabalhado com os pesquisadores no primeiro ano de graduação, é o eixo inicial. Nesse eixo, o bailarino busca reconhecer seu próprio corpo e histórias. Significa uma autodescoberta das próprias sensações, emoções e gestualidades. Escava-se partes de memórias guardadas no inconsciente do corpo, que remetem à vivência emocional, social e cultural de cada indivíduo (RODRIGUES, 2003).

Somado ao contato com as matrizes de dança ligadas a manifestações tradicionais brasileiras, o bailarino perpassa por conflitos e questionamentos sobre identidade, preconceitos, fragilidades não expostas e o que é a dança no corpo. Objetiva-se os movimentos mais conscientes de dentro para fora. Busca-se expandir a percepção em relação ao outro para se situar em si mesmo e no mundo (RODRIGUES, 2003).

O *Co-habitar com a Fonte* é o segundo eixo do método BPI e foi abordado na etapa inicial desta pesquisa, como a criadora do método explica, “nesta fase ocorre a saída dos espaços físicos convencionais da dança para se entrar numa realidade circundante à pessoa. O núcleo destas experiências são as pesquisas de campo”²

Primeiramente ocorre a preparação corporal para o campo, a qual engloba desenvolver sua capacidade sensorial, para estar aberto a sintonizar-se empaticamente com o outro, além de relacionar artisticamente a história individual e cultural de si com o que é experienciado em campo.

¹ Rodrigues, 2003.

² *Idem*.

Para isso, os pesquisadores frequentaram as aulas de Dança do Brasil IV - Vivências de Alteridade, no segundo semestre de 2022, na qual desenvolveram habilidades para atuar em campo como pesquisadores.

A ida ao campo aconteceu após a preparação corporal e a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), desse modo, desenvolvemos relações de respeito e parceria, experienciando corporalmente as atividades cotidianas no assentamento, no lote de uma assentada há 17 anos, na montagem de cestas orgânicas e em mutirões.

Para reconhecemos em nossos corpos o material da pesquisa filtrado pelos sentidos, memórias e emoções das nossas próprias histórias de vida, realizamos laboratórios dirigidos. Também foram efetuados registros durante e após a pesquisa de campo para utilização como material de pesquisa.

A *Estruturação da Personagem* é o último eixo do método BPI e o foco desta pesquisa, traz consigo o trabalho desenvolvido nos outros eixos. A construção de um personagem emerge das vivências do *Co-habitar com a Fonte* em cruzamento com as do *Inventário no Corpo*. Neste trabalho cada um dos pesquisadores desenvolveu sua própria modelagem, e a partir destas, relações cênicas que convergem num espetáculo de dança.

Resultados e discussões

O método desta pesquisa, o BPI, é composto de práticas de dança e reflexões que estimulam ampliar a consciência dos campos físicos, emocionais e sensoriais do corpo, através do movimento. Cria-se um estado corporal de presença e integridade, a partir desse estado de consciência desenvolvemos as criações artísticas.

Para pesquisar os sentidos corporais de outras pessoas, precisamos estar em contato sensível com nossos próprios sentidos. Dessa forma, mesmo trabalhando há anos com a metodologia, aprendemos que a habilidade do sensível se constrói na prática em constância, pois cada sujeito e cada meio se transforma a todo momento. A presença é uma ferramenta essencial para nos conectarmos com a realidade, por isso o trabalho está vivo, e esse escrito é um estado de acúmulo desse processo, sujeito a transformações e reformulações.

O local de pesquisa propiciou uma experiência sensorial, emocional e sociopolítica fértil e complexa. O MST é um movimento organizado em todo Brasil de uma longa história e conquistas sociais de direitos humanos. Entretanto, ainda que consolidado, vive em constantes disputas de poder, em diferentes frentes.

O assentamento Milton Santos teve suas terras homologadas em 2006, estão sob posse do INCRA e são rodeadas pelos canais da Usina Ester. A mesma os acionou judicialmente pedindo reintegração de posse em 2013, mas foram negados. (BEHR, 2017). Até então o assentamento enfrenta problemas de zoneamento urbano por se encontrar dividido entre os territórios de Americana e Cosmópolis. Ainda assim, se trata de uma frente de luta mais consolidada em relação ao território, onde os obstáculos se apresentam nas maneiras de viabilizar a vida dos trabalhadores rurais em seus trabalhos com a produção orgânica.

Aprofundamos as relações com uma moradora, a T.J., que esteve no grupo de assentados desde a ocupação das terras. Nos integramos ao seu cotidiano, na lida com a horta, nos cuidados



com com seu filho de 5 anos e nas entregas para montagem de cestas realizadas por uma cooperativa. Seu acolhimento foi fundamental para nos conectarmos de modo mais íntimo com a realidade e dinâmica do espaço. Percebemos uma receptibilidade grande não somente com T.J., como com I. que nos recebeu em sua casa com café por uma noite, assim como com outras pessoas do assentamento que se propuseram a conversar e compartilhar momentos de trabalho e refeições conosco.

A maioria dos moradores envolvidos com a cooperativa são pessoas na faixa dos 50 a 60 anos. Observamos corpos resistentes, porém cansados. Aos sábados, em parceria com a cooperativa “Cooperflora”, realizam mutirões abertos a quem quiser ajudar nas construções coletivas do assentamento. Há um galpão com doações e um projeto de escola em andamento. Participamos de uma plantação de árvores na mata ciliar do rio Jaguari e do início de um projeto de instalar uma roda d’água.



Os assentados que conhecemos trabalham com uma terra que carrega anos de lembranças de lutas. Muitas conversas se desenrolam em recordações da conquista, dos primeiros anos de muita dificuldade sem energia elétrica, transporte ou saneamento básico. Ao mesmo tempo, essa memória traz saudades. T.J. nos contou que realizavam mais atividades em grupo, para ela era mais fácil e divertido revezar os lotes e trabalhar em coletivo. Já R. preferia a escuridão da noite sem os postes, onde os vagalumes brilham mais.

Procuramos manter nos trabalhos em campo e em sala de aula/ laboratórios práticos, estados corporais sensibilizados e com a consciência ampliada e partindo dos mesmos, concebemos uma

criação artística que perpassa campos materiais e imateriais, levantando questões sobre percepções de tempo, da vida em contato com a terra, do trabalho e da brincadeira.

Os personagens expressam um conjunto de estados corporais que integram um quadro de referências das criações artísticas. Notamos na personagem do velho, a qual se desenvolve em meu corpo, uma variação de estados emocionais que transitam nos sentimentos de abandono, cura, descrença, fúria (como força de vida), incerteza, inocência, insatisfação, medo, pessimismo, solidão, tédio e também sensações que envolvem a presença de manifestações dos elementos da natureza como vendavais, rio, sol, fogo, lama e pó. As paisagens se modificam apontando um caráter andarilho, no trânsito em lugares de horizontes distantes, ensolarados, nublados, em chão de terra e no encontro com a imaginação e curiosidade de uma criança, que se modela no corpo de Beatriz.

O movimento que dançamos não se basta na mecânica do corpo, está nutrido de sentidos vividos, de histórias, elementos e significados que se dão no cruzamento das nossas vidas com o as partes de vida que nos compartilharam na pesquisa. Também contamos com uma percepção aguçada e estímulos criativos vindos da orientadora do projeto, que orientou ensaios e propôs aulas que potencializam as explorações da construção das personagens.

Apresentaremos o fechamento artístico à comunidade do Milton Santos no assentamento e na Unicamp.

Referências Bibliográficas:

- RODRIGUES, G. E. F. **As Ferramentas do BPI** (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). Campinas.
- RODRIGUES, G. E. F. **Método BPI (Bailarino-Pesquisador-intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal**: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método | Graziela Estela Fonseca Rodrigues. - Campinas, 2003.
- RODRIGUES, G. E. F. **Bailarino Pesquisador Intérprete: processos de formação** - Rio de Janeiro, 2005
- BEHR, Klaus Ramalho von. **Uma história de resistência: a luta pela terra no Milton Santos**. Campinas, 2017.

Sitografia

- MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra). **Nossa História**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/70-82>> acesso em: 06 de abril de 2019.
- SEMENTEIA. Disponível em: <<https://sementeia.org/sementeia/>> acesso em: maio de 202